

# AÇÃO DIRETA

QUINZENÁRIO ANARQUISTA

Diretor: Prof. SERAFIM PORTO

Administrador: MANOEL PERES

ANO II

Rio de Janeiro — Segunda-feira, 22 de Dezembro de 1947

Preço: Cr\$ 0,50

N.º 43

## RESISTÊNCIA



### RUA JUVENTUDO

ORGANO DE O. L. I. B. E.

União y voluntad popular  
Diz, que...  
OS JOVENS LIBERTARIOS Y LA C. N. T.  
Resolução

Para aqueles que supõem ser possível realizar a transformação social, amparados pelas leis que lhes fornece o Estado, e que por isso descuram dos processos da luta subterrânea, sendo apanhados de surpresa quando mais seguros se acham; para aqueles que não sabem que as leis que possuem favorecem as classes dominadas, só têm vigência enquanto convêm às classes dominantes, pois é-lhes fácil, com a força armada a seu serviço, desrespeitá-las, não respeitando, coagindo, desmoralizando, ameaçando, perseguindo e até inutilizando aquele juiz que por questão de dignidade pessoal, queira fazer prevalecer a lei, e assim se vêem de pés e mãos quebrados, no momento em que deviam fazer respeitar os seus direitos; para aqueles que desconhecem serem as leis que favorecem as classes dominadas, elaboradas sob a sua pressão, em momentos difíceis para as classes dominantes, ou em momentos em que estas sentem a necessidade de chamar a si, a glória de uma conquista que cabe às forças mais combativas da opinião pública, para lhes arrancar o prestígio, desmoralizando-as, para logo se atirarem a eles que, certos da legalidade, têm de chorar a sua inércia, enchendo as cadeias, os campos de concentração, deixando órfãos, tudo na mais resignada passividade; para todos eles, mostramos o exemplo singular e ativo e soberbo do proletariado revolucionário espanhol, que luta bravamente, quase lendaria, contra a frente única de todos os tiranos, chefes de todos os Estados, inclusive o do pretensioso Estado do proletariado, que agem sintetizados na figura tarada e repelente do famigerado Franco, e o fazem com pouco menos que a total indiferença do proletariado do mundo inteiro, desviado que vem sendo, dos seus verdadeiros métodos de luta, emaranhando-se no lodaçal dos mais sórdidos conchavos com os mais declarados inimigos da real solidariedade humana.

Mostramos o exemplo edificante do proletariado revolucionário espanhol, para mostrar que se fossem devotos da legalidade, não se teriam podido organizar de forma tal, que fossem capazes de, num país ocupado por uma tirania internacional, concentrada nas forças assassinas de Franco, resistir por tanto tempo, e de empolgar a juventude nascente que, dia a dia, engrossa as suas fileiras, dando sangue novo para a luta redentora.

Essa pléiada de consciências firmes enquanto age no terreno material, não descarta do moral, e organizada que sempre esteve, que está e estará até a vitória que há-de vir, preparada assim para a luta subterrânea, pode com o pasmo imbecil da estúpida reação, fazer circular, clandestinamente, vários jornais anarquistas, dois dos quais aí estão estampados.

### Palavras de Fabio Luz

Os escritores burgueses, os letrados partidários dos regimens governamentais e da autoridade estatal continuam a proclamar que a anarquia é desordem, perversidade, delinquência ou loucura; para eles anarquismo é bomba de dinamite, destruição pelo gosto de destruir; os anarquistas são delinquentes e perversos e formam "societas sceleris", — lombrosianos. Entretanto nós sómente admitimos como anarquista o atentado contra individualidades responsáveis pelas perseguições policiais e pelas violências contra acusados de delitos de opinião, cuja eliminação possa fazer cessar a série de crimes que vieram sendo praticadas contra a liberdade individual e geral e contra a justiça. São meios de justificação de que lançam mão os desesperados, que, se não matarem, serão esmagados. E' o instinto de conservação que

justifica certos assassinios. Ainda assim excessos, quando possível, devem ser evitados, pois, de algum modo, apoucam os elevados princípios humanitários e de solidariedade entre povos e indivíduos. Se esses atentados são praticados com visos de satisfação pessoal de ódio e de malquerenças, se trazem proveitos pessoais e se realizam em épocas de agitação e de perseguições aos anarquistas, servem para rebaixar o ideal acerta e dar aos ignorantes a impressão de que os anarquistas são ladrões, falsários, delinquentes lombrosianos de infima espécie. Assim vão corroborar as opiniões dos adversários e detratadores. De que servem as revoltas, quando não está ainda formada mentalidade anárquica tão generalizada que permita o estabelecimento, em determinada região do

## É preciso retomar Monte Castelo

Direito de reunião, direito de palavra. Liberdade de pensamento! Ninguém será perseguido por suas idéias! Respeito à pessoa humana! E inclinados por sobre o sólo ou paralelos a ele, rastejando-se, investem os pracinhas, o arraial onde reinava a intolerância e a violência, e o descaço à pessoa humana! "Direito de reunião e de palavra! Liberdade de pensamento! Ninguém será perseguido por suas idéias! Respeito à pessoa humana!" parecem ler ao raiar da aurora em Monte Castelo ou ouvir como epílogo confortador!

"Direito... e cruzes se confundem na escuridão da noite e repousa Pistóia e repousam... Voltam os pracinhas e voltam à faina que honra, das oficinas ou dos campos, dos consultórios ou das escolas, enfim, das atividades que não infelicitam a humanidade, de onde, desgraçadamente, foram arrancados numa contingência dolorosa e cruel!

E, ainda mal refeitos do estado em que ficaram pelos tranques por que passaram, põem-se a recordar... "Direito de reunião e de palavra! Liberdade de pensamento! Ninguém será perseguido por suas idéias! Respeito à pessoa humana!" Não, jamais teriam lido ou ouvido tais utopias! E consternados, já se inclinam a supor fosse tudo isso, uma manifestação, mais ou menos persistente, de um ligeiro estado de alienação mental, recompensa da guerra!

E o pracinha medita... dissolvem-se comícios à bala... persegue-se por idéias... sindicatos são uma ficção... prende-se e espanca-se, enchem-se as cadeias, há campo de concentração!

O pracinha estende a vista à Itália e está rememorando os companheiros que vão tombando mortos e cerra os olhos para não ver os mutilados. Ao abri-los, lê: — "O povo assaltou e empastelou a Tribuna Popular!" Filtra-se-lhe um riso de desdém... O povo... o pobre povo... o desgraçado povo... O assalto ao Diário Carioca do sr. Macedo Soares foi também feito pelo povo, quando da invasão dos hunos da revolução de trinta. Tolstói já dizia que era comum falar-se do povo, quando se queria por em prática, paixões inconfessáveis. O que o povo quer é que o deixe viver em paz, que o deixe criar os filhos, que lhe não roube o fruto do seu trabalho e que se acabe com esse povo que é enviado a espancá-lo sempre que pleiteia mais um pedaço de pão, com esse povo que empastela jornais, esse povo que nada mais é que capangas dessa corja de tratantes, que não estremece, que não se perturba diante de tanta miséria, de tanta desgraça que semeia pelo mundo todo.

Em nome do povo desrespeitou-se, uma vez mais, a pessoa humana, na pessoa daqueles trabalhadores, que se achavam no exercício da sua profissão. Desrespeitou-se espancando e ferindo. Eram comunistas? Nós somos anarquistas que os combatemos em toda a linha e não fazemos, com eles, pactos alguns! Mas é mister não esquecer que muitos se fizeram comunistas, durante o tempo em que Roosevelt, o chamado campeão da democracia, os culminava dos maiores encômos e deixava as suas mansões para

í-los procurar; durante o tempo em que Churchill, o incendiário da casa dos anarquistas em Londres, abraçava sorridente o grande amigo e aliado Stálin; Wallace cantava a Rússia Bolchevista e a Deão, ó Deus! por Júpiter! o Deão confessava que fora lá, onde encontrara verdadeiramente aplicado, o verdadeiro cristianismo!

Se estão errados permitam-nos dizer, então, que foram embaçados por aquela malta de velhacos. Sabemos que muitos estão iludidos, sabemos que muitos supõem mesmo ser a Rússia o paraíso dos trabalhadores, sabemos haver fanáticos até, como sabemos haver impostores e quantos! mas o que não podemos negar é que entre eles haja homens de bem, verdadeiros idealistas como o foi o Dr. Campos da Paz, para não citar o nome de vivos. Entretanto, se os novos comunistas (referimo-nos apenas aos sinceros e desinteressados) que medram amparados pela burguesia ou os velhos e já serão poucos... estão errados, não é pondo-os para fora dos seus empregos, transferindo-os para lugares distantes, ameaçando-os, caluniando-os, perseguindo-os ou empastelando-lhes os jornais, ou fazendo celebrar missa em praça pública, com freqüência coagida e com manifesto desrespeito ao sentimento daqueles que, por uma razão qualquer, creem sinceramente num deus que prêgo o amor universal, que se sacrificou por seus filhos, não é com nenhum desses processos que os irão convencer de que estão errados, e de que os que só tem por argumentos os casse-tête, os gases, os cárceres, em síntese, a prepotência, estão certos.

A pensamentos devem opor-se pensamentos, a argumentos, argumentos, uma vez que já hoje é vexatório, decidirem os homens as suas contendas, como decidiam aquêle, a quem os civilizados chamavam selvagens!

Procura o pracinha reconstituir os tempos que foram ter à formação da F.E.B. e vê, uma a uma como aqueles longos e angustiosos anos, irem caindo as minguidas liberdades, a preço de tanto sacrifício conquistadas. Sente que errou, deixando-se desarmar...

O que, todavia, mais o compunge e deprime, indigna e revolta, é ver como formigam em constante agitação de guerra, os mesmos traidores que ontem apontavam os navios mercantes brasileiros, para serem torpedeados pelos navios do eixo, como se esforçam por criar ambiente para um novo regime de intolerância, como, despuoradamente, empunham agora a bandeira dos senhores que ontem atacavam com a pegoinha da sua sórdida infâmia, como se reúnem sem que ninguém os incomode, como picam as paredes às barbas da polícia, como retornam às suas posições com todas as regalias críveis e incríveis!

Ficar indiferente a essa marcha macabra para um novo regime de força, é ir seguindo com a passividade do carneiro para as enxovias do Estado todo poderoso, é ir inclinando desde já a cabeça sobre um cepo, ao sadismo do machado nazista!

Direito... e as cruzes se confundem na escuridão da noite e repousa Pistóia e repousam... e uma voz: "E' preciso retomar Monte Castelo!"

## A época da força e do dinheiro

Por GERMINAL

O homem civilizado é um macaco domesticado pelo Estado. Só dança ao compasso de melodias nacionais ou religiosas, tocadas pelo realejo do seu Governo e da Igreja. Chame-se ele comunista ou democrata, não tem uma só idéia original. No íntimo, querem todos uma autoridade; mas, a liberdade positiva e a autoridade suportam-se como fogo e água; onde existe um, não pode existir o outro; onde impera a autoridade, irrompe logo a violência, porque dizer autoridade é dizer despotismo, ausência de justiça e de igualdade.

A autoridade exige disciplina; mas não autodisciplina, senão a disciplina na subordinação, sob castigo, a uma vontade dominante.

Essa vontade, no Estado burguês, manifesta-se por leis, regulamentos, portarias acompanhadas de uma sanção, isto é, de um meio coercitivo.

A escravidão moderna é causada pelas leis. São todas elas feitas pelos governos e daí decorre só poder alcançar-se a liberdade positiva com a total supressão dos governos.

Não é concebível o poder, nem a própria existência do Estado sem a compressão por meios disciplinares. Logo, a disciplina consiste em perderem os indivíduos, forçados a aceitá-la, sua mais importante e precisa conquista: a liberdade. Com a disciplina conseguem os governos praticar todos os crimes. Ela cria o sentimento de inferioridade, de fraqueza e de insignificância pessoal. E' a verdadeira força do governo.

Ora, a força obedece sempre a suas próprias leis. Sempre trata de afirmar-se e alargar-se à custa do mais fraco e não tolera outra força junto a si. Por isso, todo Estado, enquanto assegura, mediante a força armada, sua existência interna, com essa mesma força torna-se agressivo externamente.

Para um indivíduo que raciocina e sinte como cidadão do Estado, este é tudo: Deus e o mundo.

Seu poder, em forma de polícia, exércitos, burocracia é, para tal indivíduo, coisa admirável. Tão grande é sua cegueira que não percebe sua alienação da liberdade, nem pode imagi-

## Figuras do Anarquismo



FABIO LUZ

Nasceu na Baía onde se formou em Medicina. Foi ainda escritor e jornalista. Publicou várias obras, entre elas: — Leituras de Ica e Alba, e Memórias de Joãozinho (obras didáticas); Novelas, Ideólogo, e Os Emancipados. No jornalismo, em idade já robusta, dedicou-se à crítica literária, com grande elevação.

Como médico, fez-se conhecido nos arrabaldes do Meier, pela sua extrema dedicação aos pobres, de cujas casas, muita vez, em lugar de trazer o dinheiro que lhe era devido pela visita, deixava do seu, para que pudesse ser aviada a receita que passara.

Nomeado Inspetor Escolar, cargo que exerceu durante mais de trinta anos, destinou os serviços médicos, apenas, aos pobres e íntimos.

Sentindo a miséria de muitas das crianças que freqüentam as escolas e nada podendo esperar dos poderes, criou as Caixas Escolares, a ver se podia, de algum modo, ir dando a elas, aquilo que os pais, apesar de não deixarem de trabalhar, não lhes podiam dar.

Não contente com orientar a instrução nas escolas, lá ia ele aos sindicatos, quando estes eram ainda dos trabalhadores, levar, cheio de modéstia, os seus conhecimentos sólidos e de difícil refutação.

Um seu colega, que o achava talhado para o cargo de Diretor de Instrução, dissera que o Sr. Luz tinha um caráter independente de caráter, que jamais se sujeitaria às injunções políticas, burocráticas e de todas as espécies.

Falecendo em nove de maio de 1938, atravessando, portanto, uma época em que muitas marcas caíam, de podre, das caras dos mais hábeis demagogos e dos falsos idealistas, honrou, mantendo-se firme no seu idealismo, um passado que o fizera egrégio, entre aureolados intelectuais que conspurcaram o talento, mentindo torpemente à mocidade, acorrentando-a a falsos conceitos e incutindo nela o gênio da destruição, o sentimento guerreiro.

## O ESTADO

Os Estados modernos, provedores das guerras internacionais ensinam o ódio e educam para o extermínio dos inimigos externos, e organizam códigos para esmagar os adversários internos promulgando leis de repressão, que limitam a liberdade, em todas as suas manifestações, e condenam por atentados contra as instituições vigentes, e principalmente contra a "propriedade" estando aí contido o Estado que é propriedade dos políticos.

Fábio Luz

nar que tais instituições sejam a causa principal de sua desgraça. Não chega a notar que essa máquina infernal vive do seu suor.

Quando os homens reconhecem a nocividade e superfluidade do Estado, seu poder desmoronar-se-á subitamente. Perguntar-nos-ão: "Quais são os interessados em manter essa criação estatal?"

Responderemos: "O verdadeiro amo do Estado é Plúto, e seus cúmplices, os mais pressurosos em insistir na te-naz disciplina. Tanto lhes faz a paz como a guerra, desde que se respeitem seus sagrados interesses, isto é, o lucro mercantil".

O povo morre pela salvaguarda do Estado, mas Plúto, o deus do dinheiro, vive para auferir o espólio das hecatombes. Plúto não cai; sempre está firme, de pé, invencível a tudo que não é dinheiro. Em suas mãos mágicas tudo se metaliza e seu cérebro é um registro de algoritmos. Sua arte é a arte de furtar e sua filosofia é a filosofia da força.

(Continua na 2.ª pag.)

# Hipócritas ou rebeldes?

Por FERREIRA DA SILVA

O anarquismo tem com o cristianismo pontos de contato moral e de divergência irreductível. A semelhança está no espírito de fraternidade das doutrinas, a hostilidade no modo de praticá-las. Porque os anarquistas não negam ao indivíduo as divagações espirituais nem as crenças filosóficas ou religiosas, apenas exigem d'ele o cumprimento da sua tarefa na coletividade, o trabalho em primeiro lugar, com prioridade sobre as diversões ou cultos. Não se dá o mesmo com os apóstolos do cristianismo. Estes pregam doutrinas de amor fraternal, para uma humanidade dividida em classes que destroem toda a possibilidade de harmonia social e econômica. E pior do que isso, limitam-se a pregar, vivendo como parasitas do trabalho alheio. O próprio exemplo das comunidades monásticas é de um egoísmo confrangedor. Os monges trabalham, não há dúvida, no amanho das hortas do convento, mas recebem de fora outros recursos e, no seu isolamento contemplativo, nada fazem materialmente para merecê-los.

Tudo isso tem um fundamento: a manutenção da propriedade. No regime anarquista a propriedade não existe; logo, está eliminada a possibilidade do indivíduo viver com o simples argumento de que tal ou qual rendimento ou coisa lhe pertence; o cristianismo, com todas as suas palavras de lirismo contraditório, mantém a propriedade e é da sua exploração que resultam os meios de existência para os sacerdotes ociosos, improdutivos e bajuladores do capital.

O cristianismo, e particularmente o catolicismo na civilização ocidental, tem interferido em todas as épocas nas transformações sociais, infiltrando-se nas camadas do povo e desen-

volvendo uma propaganda que se molda sempre nas convicções e nas oportunidades, de acordo com a tendência dos acontecimentos.

Andam agora sacerdotes e escritores católicos, alguns portadores de supostas mensagens da Europa aleijada pela guerra, a pregar democracia e socialismo invocando a palavra do Chefe da Igreja, tão cheia de doçuras suspeitas como as suas vestes são recamadas de ouro capitalista, e a sua cadeira contangente de ignominiosa preguiza.

Prestemos atenção a esses fenômenos, já tão repetidos na história da civilização, mas sempre desconhecidos da maioria dos homens a quem se dirige a propaganda clerical. E tratemos de neutralizar os seus efeitos, porque não é possível ficarmos indiferentes diante de um processo verdadeiramente insidioso, que tende a garantir simplesmente a posse de privilégios anti-sociais, por meio do ludíbrio, da hipocrisia e da má fé com que se espalham de preferência nas classes humildes, aquelas que para gozo dos senhores da terra devem resignar-se a ser sempre exploradas.

plena posse das minhas faculdades físicas e morais. O que eu disser no meu estado anormal, como é o que antecede a morte, não é Renan quem o diz, mas um moribundo enfermo; um irresponsável pelos seus atos... O moribundo que se deixa ungir é quase tão irresponsável como a criança que se deixa batizar. A vida é uma escada ascendente e descendente, podendo-se comparar o nascimento à agonia e a infância à velhice, e assim como não se pode repreender ninguém porque, sendo criança, fazia as suas necessidades no berço, também não se pode ligar importância a quem, estando moribundo, volte a abraçar a sua primitiva religião no ato de morrer...

Se tivesse sido verdadeira a notícia de que Tolstói, na hora da morte, tinha abraçado de novo a religião grega ortodoxa em que foi batizado, isso não quereria dizer que esta última fosse a religião verdadeira, como tampouco quer dizer que o seja a maometana o fato de alguns turcos regressarem a ela no instante final, nem que o seja a católica, porque alguns que deixaram de segui-la se tenham retratado disso na hora derradeira. Estas retratações de moribundos não têm valor absolutamente nenhum e só demonstram que as idéias que se adquirem na infância são, como já disse, as que mais fortemente persistem por toda a vida.

Por isso se torna cada dia mais indispensável a instrução laica e a aceitação universal da idéia, já bastante difundida em círculos cultos e em famílias verdadeiramente honradas, de não se ensinar às crianças nenhuma religião positiva. Deste modo se lhes evita, à hora de morrer, a visão terrível do inferno e dos diabos que vêm buscá-los para serem castigados por terem desertado da sua religião primitiva. Ensinar religião às crianças é não somente um absurdo, mas também um atentado cruel e grosseiro contra a consciência. Deve deixar-se livre toda a gente, até que forme o seu critério próprio e escolha, depois, a religião que mais lhe agrade. Mas os cléricais não estão de acordo com isto; eles sabem muito bem que se, para ensinar religião às crianças, se fosse a esperar que eles formassem o seu critério, não haveria no mundo nenhuma religião positiva ou, pelo menos, não haveria verdadeiros fiéis, pois que precisamente para o ser é preciso falta de critério. Por tal razão seremos sempre surpreendidos em encontrar religiosos devotados que, apesar de o serem, mostram possuir muita sensatez e inteligência noutras questões que não se relacionam com a religião. Isso nos demonstra a força com que as idéias adquiridas na infância nos dominam por toda a vida, embora às vezes pareçam desaparecer por algum tempo. Se a essas pessoas sensatas não

Quando tais arautos de uma fraternidade fingida falarem em distribuição dos bens terrenos, em limitação da propriedade e outras coisas parecidas, pensem os que ouvem essa doutrinação que limitação da propriedade é coisa impossível enquanto existir a propriedade, e que esta é o primeiro obstáculo à igualdade social.

Em termos mais claros: os ricos não acabarão nunca com a pobreza, porque esta só existe ao lado da riqueza e eles não pensam em destruir-se a si mesmos. Em todas as suas teorias, venham do Papa ou dos filósofos do catolicismo, sobrevive a idéia da propriedade, sagrada para os fundamentos do seu regime.

No entanto, estamos vendo a cada passo esses arautos advogar em seus escritos uma teoria que diverge, aparentemente, dos métodos opressores e da dominação capitalista. Serão eles hipócritas, ou rebeldes? Se são hipócritas, coisa bem possível e vulgar na seita clerical, acatele-se o povo da sua influência maléfica e das suas intenções reacionárias. Se são rebeldes, melhor fariam rompendo de uma vez com a sua "tradição" e juntando-se aos anarquistas na luta pela verdadeira igualdade humana.

E se pensam que o anarquismo é coisa apenas de gente da plebe, saibam que as idéias que mereceram a dedicação e o fervor de Kropotkine, Reclus e Ferrer, bem podem ser estudadas por Ducatillon, Tristão de Ataíde, Domingos Velasco ou Luiz Santa Cruz. Seria pelo menos uma forma de provarem a sinceridade das suas palavras e a pureza dos seus propósitos.

## Retratações

de

### Moribundas

Por ocasião da morte de Leão Tolstói, vários periódicos católicos da América deram-se à infeliz tarefa de propalar com grande alvoroço, a falsa notícia de que o famoso liberato, nos seus últimos momentos se tinha reconciliado com a igreja. Informes posteriores demonstraram a falsidade daquela notícia, pois até os seus derradeiros momentos Tolstói manifestou, pela igreja, a mesma repugnância de sempre, provando assim que, a despeito da sua avançada idade, dos seus padecimentos físicos e das instâncias do clero grego ortodoxo, nem sequer à hora da morte o abandonaram aquela firmeza de espírito, clareza de entendimento e pureza de alma, que toda a vida o acompanharam.

Mas na hipótese de que a notícia tivesse sido verdadeira, com que fim que fim a propalavam os senhores católicos romanos? Seria com o fim de demonstrar que a igreja grega ortodoxa, na qual Tolstói foi batizado, é a única religião verdadeira? Eranha estranho empenho esse! E' preciso ser muito fanático, quer dizer: muito falto de critério, para inventar e propalar notícias falsas com o objetivo único de recomendar como milagrosa e, portanto, como verdadeira uma religião completamente estranha à sua. Se foi porque esses jornais católicos julgavam que Tolstói era católico romano, boa prova deram da sua ignorância; se foi porque o quiseram fazer aparecer como tal, com o fim de enganar o povo, melhor prova deram ainda da sua nunca desmentida falácia. Mas fosse pelo que fosse, creio o momento oportuno para fazer algumas considerações acerca da algazarra que os católicos costumam levantar quando algum livre-pensador, torturado pelas súplicas dos seus parentes, pelas instâncias dos clérigos e pela natural debilidade de espírito, precursora da morte, abraça a sua religião primitiva nos momentos de expirar.

E' coisa provada que as idéias e crenças que nos são inculcadas na infância, são quase sempre as que, com mais força e resistência, persistem por todo o resto da vida; e isso explica o fato, por certo freqüente, ainda que não tanto como o querem fazer acreditar os cléricais, de pessoas que, depois de terem mudado a religião ou depois de terem simplesmente abandonado a sua, se tenham retratado e tomem a abraçar-la na hora da agonia. Os sacerdotes de todas as religiões empenham-se sempre em apresentar esta retratação da última hora como uma prova da sua verdade. Têm-se já obser-

vados casos de um indivíduo, depois de ter trocado a sua religião por outra, abjurar esta e voltar à primitiva, na hora de morrer; mas nunca se viu que nesses momentos alguém tenha abandonado a sua religião por outra estranha, da qual nunca tivesse ouvido falar. E o certo é que só num caso assim a tal conversão poderia ter algum sabor a milagre...

Contam-me muitos médicos terem feito a observação, bastante freqüente, de maometanos (turcos, árabes, etc.), emigrados para a América latina, os quais abraçam o catolicismo à chegada e, depois de lhe terem pertencido por largo espaço de tempo, quando, à hora de morrer, lhes é apresentado o crucifixo cospem-lhe, insultam os sacerdotes católicos que se lhes aproximam e, com as mãos, enviam beijos a Allah, retratando-se assim, à última hora, das crenças católicas que muitas vezes praticaram até por espaço de meio século. Este fato não demonstra que a religião maometana seja a única verdadeira, como tampouco implica que a católica o seja, a circunstância de alguns católicos, depois de se terem feito maçons ou livre-pensadores, terem voltado ao seio da sua primitiva religião no momento de morrer. Todas estas retratações devem-se como já disse, a que as idéias que se adquirem na infância são as que perduram com mais insistência por toda a vida.

Além disso deve-se ter presente que a dença e a idade avançada, ou seja a proximidade da morte, por uma razão natural, debilitam as funções cerebrais — e aí está porque sempre me pareceu ridícula a importância que os ultramontanos dão ao fato de alguns dissidentes terem voltado ao seio do seu primitivo credo católico, na hora da morte. E para enganar os ignorantes empenham-se em fazer aparecer este acontecimento como qualquer coisa de milagroso que demonstra a superioridade da sua religião, sem se recordarem que este mesmo milagre se verifica também inversamente, quer dizer: em indivíduos de outras religiões que, depois de se terem passado para o catolicismo, o abjuram na hora da morte para abraçarem de novo a sua primitiva religião.

Além disso, nenhuma importância nos devem merecer os atos e palavras produzidos num momento anormal, como é o que antecede a morte; pois o momento de morrer é, sem dúvida, um momento patológico, tal como o instante em que se está presa de alguma impressão ou de algum acidente. Conta-se que Renan dizia que se, no seu leito de morte, regressasse ao catolicismo a humanidade não devia pedir-lhe contas disso, pois nesse instante não era ele quem atuava. "A posteridade" dizia "não deve considerar como minhas senão as idéias por mim emitidas atualmente, isto é, na

## O livro do prof. Oiticica

Há bem tempo, lia o prof. José Oiticica, ao hoje diretor de Ação Direta, ao prof. P. Mota e ao dr. Kamil Curi, seus alunos de Grego, um manuscrito que escrevera, em mil novecentos e vinte e cinco, na Ilha das Flores, onde o fizera prender, essa megera democrática, que gerou em seu ventre de precursor do fascismo, a Clevelândia e as chamadas geladeiras, que tantas vidas inutilizaram e que se chama, à maneira humana, Arthur da Silva Bernardes. Esse manuscrito é o livro — "Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos" que já se acha à venda, nas livrarias e em nossa redação.

Esse livro claro e simples, além de vir proporcionar a muitos o ensejo de poder chegar a ter uma idéia do que seja o Anarquismo, é uma prova, só agora aparecendo, do ambiente de intolância em que vivemos até há pouco, e para o qual, parece, estamos voltando; é uma prova do quanto custa propagar-se uma idéia que possa trazer a verdade a quantos a procurem, e isso porque sabem os detentores dos privilégios sociais, que um livro anarquista é uma fonte de verdades, que não podem refutar os doutores, escritores, ou vendilhões do templo, a seu serviço.

LEIAM  
"AÇÃO DIRETA"  
Redação:  
Rua Buenos Aires, 147 - A, 2.  
Rio de Janeiro

Palavras de Fabio Luz  
(Conclusão da 1ª pag.)

globo, de uma sociedade sem governo, sem leis, formada pelo acordo mutuo, pelo auxilio mutuo, baseada na solidariedade humana e na liberdade perfeita?  
Os perseguidos pelos governos, os condenados por crimes de opinião, os que sofrem penalidades por crimes em legítima defesa devem ser sem distinção auxiliados pelos anarquistas. Os impulsivos, os perversos, os chamados criminosos natos, devem ficar sempre a cargo da sociedade burguesa que os criou e os educou. Ela é a responsável pelos vícios e moléstias sociais; alcoolismo, cocainismo, morfínismo, sífilis e tuberculose. Que se encarregue de suas obras. As impulsões mórbidas, a epilepsia, a loucura, as neurastenias, as psicopatias são moléstias da sociedade tal como está organizada: que lhe pesem nas curvas e na repressão.  
se lhes tivesse ensinado nenhuma religião na infância e antes se lhes acabasse de formar o critério, é certo e seguro que nunca teriam abraçado qualquer religião.  
Não há maior disparate que o de administrar qualquer religião às crianças, que outra não devem aprender que não seja a do dever, da verdade e da realidade. Desta religião é que nunca se retratarão em toda a vida!  
Carlos Brandt.  
(Do folheto El Fanatismo Religioso).

## A época da força e do dinheiro

Desgraçado povo! Pode-se imaginar um destino mais trágico que o teu? Jámais consultado, sempre sacrificado, arrastado a guerras, forçado a cometer crimes em que nem sonharas!

O povo! expropriado e explorado por tantas sangessugas, suportas em teus ombros as lutas fomentadas por interesses que jamais foram teus. Envenenado pelas mentiras do Estado e da Igreja, dos partidos e da imprensa burguesa, esquece-te de odiar os teus verdugos. E' verdade que ódio só se encontra nos corações dos que sacrificam intencionalmente os povos.  
Tu, crucificado, bem quizeras arrancar-te à cruz ignóbil a que te pregaram os malfetores da humanidade; mas, em vez de safar-te, mais te afundas, sempre mais, na escuridão e na dor. Já não tens a força primitiva para te salvares dos teus tradicionais inimigos potentíssimos: o Estado e a Igreja.  
Nós, anarquistas poríamos sempre por teu salvamento! Cumpre-te querê-lo também. Terás essa vontade íntima? Será tua consciência, degenerada pela escravidão multissecular, capaz ainda de livrar-se do dinheiro e da força? Ainda não ouviste o hino dos oprimidos:

De pé, ó vítimas da fome!  
.....  
Messias, Deus, chefes supremos, Nada esperamos de nenhum? Sejamós nós que conquistemos A Terra-mãe, livre e comum?  
.....  
Nós esperamos, sem desfalecimentos, o retumbo glorioso desse grito da meia-noite!

## Ei-las sem a máscara

A: — Em Versailles, na audiência de 3 de agosto de 1868, julgou-se um ruidoso processo contra o abade Hue, cura de Limés, por ultrajes à moral pública em raparigas menores de 12 anos, sobre as quais aquele praticara tais obscenidades, que nem de Sodoma e Gomorra haviam sido conhecidas. Basta, para dar-vos uma idéia desse monstro, transcrever o resumo do processo, feito pelo presidente do tribunal. "No ano de 1867, próximo findo (diz o representante da justiça), quatro raparigas, que iam fazer a sua primeira comunhão, apresentaram-se no confissãoário do abade Hue, cura de Limés, departamento de Nantes. Este dirigiu a cada uma delas os mais obscenos convites. Tudo o que o espírito possa inventar de mais torpe, ele o disse e o praticou... O abade Hue, em vez de velar pela pureza das crianças que lhe eram confiadas, ultrajava-as, desflorava-as a seu bel-prazer; chamava-lhes a atenção sobre coisas por elas ignoradas; ensinava-lhes vícios. Petende ele que não fazia mais do que seguir à risca o formulário dum livro que todos os padres são obrigados a possuir: Ciência ou Manual dos confessores..." O juri do Seine e Oise, a quem pertencia julgar este escandaloso caso, deu o seu veredictum afirmativo sobre três proposições e negativo numa apenas, sem admissão de circunstâncias atenuantes. O tribunal, fazendo a aplicação da lei, condenou o abade Hue em dez anos de trabalhos forçados.



Agora, é o processo, igualmente célebre, do padre Gabriel, da ordem dos Carmelitas. Reproduziremos apenas as declarações da vítima, Ana Dünzinger, que, no tribunal de Liuz (Austria), compareceu para ser interrogada sobre factos que tinham sido dados à publicidade pelo jornal Tagespost, sob o título Episódio dum lenço cloroformizado. Eis as declarações que essa rapariga fez, perante os juizes austríacos, em julho de 1872: "O reverendo padre Gabriel, meu confessor, já por muitas vezes me tinha feito declarações de amor, recusando-me eu sempre a satisfazer os seus desejos. Uma vez, porém, mandou-me entrar para a sacristia, a fim de me ouvir no tribunal da penitência. Havia lá um confissãoário reservado e particularmente secreto. Apenas eu me encontrei nele instalada, eis que o padre arrega a cortina que nos separa e, pela abertura, estende o braço e coloca junto ao meu rosto um lenço impregnado dum cheiro extremamente penetrante. Senti-me logo perturbada, perdendo os sentidos quase imediatamente... Ignoro inteiramente o que se passou depois disto, até ao momento de recuperar os sentidos, compor os meus vestidos desalinados e deixar o confissãoário..." Que se passara? Todos o compreendemos, não é verdade? O monstro, vendo-a desfalecida, em consequência da cloroformização, abusou dela, fazendo-a ser mãe dum filho que, depois, se juntou à legião daqueles que se envergonham, quando lhes perguntam pelo pai.

(Transcrito do livro -SERMÕES DA MONTANHA-)

Desavieram-se Brasil e Rússia! Brigam as comadres! Briga previsível, prevista, de consequências também facilmente presumíveis.

Se os corifeus do partido comunista não fossem fanáticos irresponsáveis e a tal autocritica por eles alardeada fosse coisa realizável, deveriam estar hoje de crista pensa, arrotando o sal amargo das suas nefastas aventuras. Realmente, foi o bolchevismo a mais desastrosa peste despejada nos campos da batalha obreira contra o capitalismo.

Sim! porque sua principal obra foi aniquilar as forças sindicais revolucionárias transformando os sindicatos em agências politiqueras, desfibradas, deliquescentes.

Para isso é que importa mais alertar a nova geração operária, a não infectada ainda pelo tremendo germen dissolutório.

A ação bolchevista, dita comunista, foi desfazer, solapar, a vigorosa compleição dos sindicatos livres iludindo as massas obreiras com fanfarronadas, foguetório, gritaria, reco-reco, proissões, palavreado esdrúxulo, estrutura militar, ditadura partidária, senhas pomposas e lábia infinita.

No intuito, tudo aquilo era farfalhada, o vazio enfeitado com lantejoulas e papel de côr, manipunços bem recheados, mas a que uma estocada simples, rasgando a estopa, faria escorrer logo a farinha suja.

No Brasil, em 1918, a Federação Operária, toda instruída na ação direta, era uma potência.

A greve geral, aqui no Rio, planejada para 18 de novembro, no interstício presidencial do vice-presidente Delfim Moreira, assustou a burguesia, tal a sua envergadura. A greve rematava a célebre campanha dos padeiros para obterem o descanso dominical, campanha vitoriosa à custa de muito forno dinamitado, muito pixamento de fachadas, sabotagem sistemática, ação direta, em suma, firme e incooperante.

Conseguíramos, nós, anarquistas, e somente nós, escorraçar dos sindicatos toda casta de políticos, ditos socialistas, os Irineus, os Nicanores, os Evaristos, apontando às massas seus interesses inconfessos, suas tácticas oportunistas, sua insinceridade.

De 1912 a 1918 o progresso sindicalista no Brasil foi uma estúpida epopeia e tínhamos razão de orgulhar-nos, os anarquistas, do formidável trabalho feito. Viamos surgir, segura, no operariado brasileiro, aquela consciência de classe indispensável à guerra social e a penetração do conceito anárquico de ação direta como processo de luta. Os trinta e poucos sindicatos cariocas da Federação contavam para mais de 150 mil trabalhadores.

A burguesia estremeceu. Washington Luis afirmara que a questão social era um caso de polícia, mas a polícia de Aurelino Leal, a de Geminiano da Franca, no Rio, como a do próprio Washington, em S. Paulo, não pôde, por mais que fizessem, amordaçar os sindicatos brasileiros. Quando em 1918 fomos presos, deportados, perseguidos

## Desavindos!

Por JOSÉ OITICICA

de todo modo, respondemos à polícia de Aurelino fundando, em princípio de 1919, A Voz do Povo, diário com sede na Avenida Rio Branco.

Pois foi nesse 1919 que se iniciou a campanha sorradeira, venenosa, diabólica, destruidora do Partido Comunista. Foi Astrogildo Pereira o agente dessa missão nefasta, que iria, em 1933, entregar os sindicatos brasileiros, atraídos, ao Ministério do Trabalho. Seu nome ficará para sempre lembrado nos anais do sindicalismo brasileiro como sua mais funesta e fúnebre asa negra. Firmado no seu prestígio pessoal e na ilimitada confiança que nós, seus companheiros de ação anárquica, nele depositávamos, foi, às caladas, colhendo adeptos ao partido bolchevista. Criamo-lo, todos nós, ainda anarquista e já ele estava entendido com Moscov para difundir, nos meios operários, a disciplina política, ditatorial, de céculas, autocriticas, palavradas de ordem, expurgos, hierarquias e cega obediência.

Astrogildo queria mandar e mandou até que o feitiço caiu por cima do feiticeiro e ele acabou expulso do partido. Mas, o estrago fora longe. Todavia, poderíamos ter contado a praga se não fora a terrível provação nossa no quadriênio de Bernardes.

A polícia se aproveitou do profundo dissídio aberto nos sindicatos pelos comunistas para aniquilar a força real da classe trabalhadora: os anarquistas. Liquidados estes, o mais seria realmente questão de polícia.

Já expusemos aos leitores de Ação Direta as peripécias da nossa luta após Bernardes, contra o comunismo e como estes entregaram, por ódio a nós, todos os sindicatos ao Ministério do Trabalho, órgão do fascismo getuliano. Nossa luta contra Lindolfo Collor e as carteiras sindicais seria, certíssima, vitoriosa, se não fosse a traição comunista aceita, para nos derrotar, essas carteiras.

De então em diante, nenhum operário seria aceito, em qualquer obra ou fábrica, se não apresentasse a carteira sindical. Os sindicatos caíam, de chofre, sob a fiscalização do Estado e adeus liberdade sindical.

O resultado aí temos: o sindicato transformado em repartição pública e órgão político do Estado; os anarquistas barrados absolutamente dos sindicatos; a vida sindical regulada por leis do Estado, com diretorias ao gosto do Ministério, e assembleias minúsculas para aprovarem sempre o que o governo quer e manda.

Desapareceu assim o sindicato livre! Desapareceu a única força verdadeiramente revolucionária, porque nos sindicatos livres, independentes, e só neles, se concentra a luta econômica, base da questão social.

Transmutados os sindicatos em órgãos políticos, longe de serem força revolucionária, contra a burguesia,

fizeram-se força burguesa, antirevolucionária.

Consequência: o partido comunista, que se diz partido revolucionário, tendo entregue os sindicatos ao governo, tendo extirpado do trabalhador brasileiro a consciência de classe, o hábito da ação direta, para inocular-lhe o vício burguês da ação política por meio de eleições, cambalachos e disciplina aos chefes, no momento crítico da atual reação, viu-se ridículo, sem nenhum apoio, um desmedido boneco de pau com pés de barro, a que um piparote policial derribou para não mais se levantar.

Essa a desprezível obra do partido comunista. De traição em traição, arruinou a grande Internacional, a primeira, cujos únicos representantes no mundo inteiro os anarquistas, lutam heroicamente por suste e repor na sua primitiva grandeza.

Quão difícil está sendo e vai ser essa obra sabemo-la nós, os anarquistas do Brasil a braços com dificuldades de toda ordem, a maior das quais a inconsciência profunda dos trabalhadores avezados à politiquice por comunistas e trabalhistas.

Temos de recomeçar as campanhas de 1912, mas agora com o Estado senhor dos sindicatos e os sindicatos impenetráveis à nossa voz e ação.

Obra do partido comunista!!!

Semearam ventos, colham tempestades.

Brigam as indecentes comadres! Lá se avênham!

## Por um Sindicalismo Revolucionário

O DIREITO DE GREVE

Por QUETZAL

Em comentário do jornal "O Mundo", de 17-10-47 lemos: — "Está a Câmara empenhada em regular o Direito de Greve, tendo sido escolhido para relatar o projeto de lei, o deputado Gurgel do Amaral. Em palestra com o comentarista do citado periódico, diz o referido parlamentar: — Essa incumbência é um abacaxi! Como conciliar o Direito de Greve — que é uma arma de fato, embora pacífica, posta nas mãos do operário para a reivindicação dos seus direitos ofendidos, com a vingência da Justiça do Trabalho, que procura pela ação ou pela conciliação judiciais, resolver ou harmonizar os dissídios havidos entre empregados e empregadores? Se esses dissídios não de ser solucionados com o apelo à greve, de que servirá, então, a justiça do Trabalho?"

Em seguida o sr. Aluizio Barata que é o comentarista pretende, por conta própria, descascar o abacaxi, e apresenta-nos com a seguinte concepção sobre o direito de greve: — "A greve, é claro, só poderá ser permitida em certos casos e sob determinadas condições. Terá de ser proibida nas atividades que tenham conexão com a segurança da Nação ou do Estado". E termina: — "Lembrem-se aqueles que advogam, com calor, a greve sem restrições, de que a constituição da União Soviética atual é omissa sobre a matéria, o que significa a impossibilidade de, na realidade, justificarem os trabalhadores, na Rússia, a parede coletiva".

Para as palavras do deputado Gurgel do Amaral, chamamos a atenção de todos os trabalhadores. Realmente, como conciliar o Direito de Greve com a Justiça do Trabalho? Máximé, quando sabemos que a chamada Justiça do Trabalho é o meio eficaz, criado pela burguesia e o Estado, para ludibriarem os trabalhadores!

Quanto ao sr. Aluizio Barata, diremos ser a sua argumentação, sofisticada. Isso de só poder a greve ser permitida em certos casos e sob determinadas condições, significa para nós trabalhadores, a sua proibição. No tocante ao argumento sobre a União Soviética afirmamos que a Rússia como a ex-Alemanha de Hitler e a ex-Itália de Mussolini, é um Estado totalitário, onde a ditadura não obstante ser exercida em nome do proletariado, não concede ao trabalhador direito algum e onde toda atividade para reivindicar direitos econômicos ou morais, por mais justas e humanas, é considerada pela burocracia Stalinista um crime contra o Estado. E sendo, na Rússia, o Estado o único patrão — que poderiam esperar os trabalhadores senão a proibição da greve, uma vez que até agora, não há, que saibamos, nenhum explorador que seja partidário de que tenham os seus escravos, o direito de rebelarem-se.

No nosso modo de sentir, o direito de greve, regulado ou proibido, tem valor relativo, pois, na realidade, não podemos esperar que nenhum Governo nos outorgue um direito que é humano

e que não pode ser regulado nem proibido. E a relatividade está em não depender esse direito, de que seja ele elaborado por Paramentos democráticos ou imposto por decretos ditatoriais, mas sim em depender tão somente da força e decisão da classe trabalhadora, que é a única que tem o direito de opinar sobre o problema, porque a sociedade vive do seu braço, da potência maravilhosa que encerram os seus músculos criadores, do esforço gigantesco que significa a mobilização das máquinas e das ferramentas. Sem nos outros a vida social é impossível, as riquezas da terra e da inteligência são forças mortas que não valem de nada, à existência humana. Como constituímos a arteria vital indispensável e absoluta para a convivência humana, somos os únicos que podemos falar sobre o Direito de Greve. Sendo ele um direito humano legitimamente conquistado pela classe trabalhadora, não pode ser regulado nem proibido. Temos os trabalhadores o direito de usar da greve não somente para reivindicar melhoras econômicas mas também de usá-la como arma de libertação individual ou coletiva, e, especialmente, como arma contra a intromissão sempre crescente do Estado, essa entidade abstrata e esterilizante que tudo pretende regular, que tem a intenção preconcebida de transformar o homem em um autômato, em um ser cuja única finalidade, na vida, é servir esse monstro inútil, defensor de um sistema caduco, que serve apenas para engendrar guerras e perpetuar a exploração do homem pelo homem. E' a greve uma arma de luta especificamente proletária; podemos os trabalhadores robustecer os nossos pedidos com os mais lógicos e convincentes argumentos, a favor de que pensamos reivindicar; se não dispusermos, porém, de uma arma capaz de fazer sentir a nossa força, não seremos levados em conta, porque os atos do Estado só consideram lógicos, os interesses deles que são opostos aos da classe trabalhadora.

Por ser a greve a arma mais eficaz e poderosa do proletariado organizado, devem as organizações sindicais que tenham consciência da sua finalidade na luta por um mundo melhor, mais justo e mais humano, conservar todo o valor, toda a pujança desse incomparável meio de ação. Por mais que o Estado pretenda regular ou proibir, devemos estar sempre os trabalhadores contra toda e qualquer regulamentação e proibição do Direito de Greve, que é o direito com que os explorados podemos por um dia à voracidade sempre crescente dos exploradores que nada produzem e se julgam no direito de desfrutar os benefícios da nossa atividade produtora dando-nos aos que tudo produzimos, unicamente, as sobras.

Terminaremos com as seguintes palavras de Rafael Barret: Ouvi dizer mil vezes de greves legais e ilegais e não compreendo semelhante frase, porque todos os homens têm o direito de se declararem em greve.

## Cassação dos Mandatos



E' cousa já sabida, procurando-se ouvir os políticos ditos liberais, sobre a cassação dos mandatos, declaram-se eles, contra ela.

Uns o fazem em tom grave de conselheiros sisudos, a mostrarem que, em casos tais, se põem acima do sectarismo político, em defesa dos sãos princípios democráticos, outros, arrebatadamente, como se estivessem o incitar o povo, para tomar a Bastilha.

São essas, as manifestações. No entanto, não tomaram ainda nenhuma atitude clara e desassomburada, mobilizando o povo, afim de cortar o voo à reação e fazê-la recuar, se é que realmente acham que essas e outras proposições são um atentado às liberdades públicas. Ficam em palavras, enquanto os remanescentes da ditadura e os seus novos aderentes vão de atos em atos, não lhes faltando mesmo as missas-comícios, e o constante matraquear da Rádio Mauá.

E' que, sentindo nada poderem, uma vez que, como declarou Amoroso Lima, a única força política, no Brasil, é o Estado Maior do Exército, e este quer mesmo que se cassem os mandatos, temem ser envolvidos no arrastão, caso tomem a única atitude que cumpria em face dos princípios que dizem defender. Além disso, há no fundo o desejo ardente de que sejam mesmo cassados os mandatos, diante da perspectiva de novas cadeiras a conquistar para os seus partidos.

Ninguém tem dúvida, serão cassados os mandatos.

Se porventura não vier, é que os potentados velhacos como são e muito mais argutos do que muitos os supõem, sentiram-na inoportuna em relação aos seus próprios interesses, ou viram poder, mais uma vez, tirar partido do Prático.

Contentem-se comunistas, socialistas ou liberais, se as coisas pararem por aí.

Duas lições, todavia, ficam. A primeira é que o povo fica sabendo que o voto não é respeitado e, portanto, de nada vale. A segunda é que política revolucionária só se faz por métodos revolucionários, isto é, educando o povo, revolucionariamente, e não com envoltórios de ditadores, com governos de coalizão dirigidos por ditadores, com alianças com o que há-de mais reacionário como o clero, cuja única finalidade é negociar com os magnatas, a boa fé e a ingenuidade dos crentes.

Que sirvam as lições.

## Frederico Kniestedt

Uma carta do camarada Ricardo Fernandez, de Porto Alegre, anuncia-nos o falecimento do nosso octogenário companheiro alemão Frederico Kniestedt.

Essa morte contristou-nos muito e espantou-nos porquanto, em princípios de outubro, recebemos o número 41, datado de setembro último, da sua publicação Movimento dos anti-nazis alemães do Brasil.

Com efeito, Kniestedt, mau grado sua idade, manteve, durante quatro anos, tremenda campanha contra os nazistas alemães ou brasileiros no sul do país por meio de cartas informativas (Informations-Briefe). A última por nós recebida tem sete páginas mimeografadas com espaço um. Essas cartas Kniestedt escrevia, mimeografava e espalhava pelo Brasil alertando a todos contra o remanescente perigo do nazismo protegido e disfarçado. São páginas repletas de informações utilísimas e pasma-nos a capacidade de observação do extinto companheiro e sua nobre coragem de manter-se na luta até a morte.

Quase nada sabemos, os de Ação Direta, da vida anárquica de Kniestedt; porém, iremos colher dados para traçarmos uma biografia, pequena que seja, desse valoroso companheiro.

Pedimos aos camaradas que possuam as cartas informativas, sobretudo as vinte primeiras, que no-las remetam para completar nossa coleção. Essas cartas merecem tração e publicação em português num volume especial.

Kniestedt foi um companheiro que, pelo seu labor, denodo e persistência, honrou seu nome de anarquista.

## Leitores e camaradas

Mais uma vez sa' Ação Direta atrasada. E' que não possuindo oficinas próprias, não podemos dispor as cousas à nossa vontade e assim temos de estar sujeitos aos interesses de terceiros. Houve certo imprevisto nas oficinas, e o nosso jornal, como muitos trabalhos de outros, ficou parado durante todo esse tempo.

**A. I. T.**  
ASSOCIAÇÃO  
INTERNACIONAL  
DOS TRABALHADORES



## O anarquismo através do mundo

Perú — Após largos anos de inatividade, consequência do sistema repressivo em vigor na terra heroica dos "Incas", e mau grado às intrigas dos satélites de Stálin, que conseguiram minar os meios proletários com as suas doutrinas totalitárias, ressurge mais potente que nunca, o Movimento Anarquista do Perú. Entre outros acordos de grande importância, é justo que destaquemos a fundação da "Federacion Anarquista del Perú" da qual é órgão, na imprensa, o valente paladino "— La Protesta —". A sua declaração de princípios diz, no preâmbulo, o seguinte — **DECLARAMOS: — "— Que a Liberdade como meio e como fim, constitui a base fundamental do ideal anarquista —"**.

coroados de êxito, os seus agigantados esforços em prol dos Obreiros de San Martin, vítimas da má fé da justiça burguesa, que condenados à prisão perpétua, são postos, por fim, em liberdade.

Um dos cinco, no entanto, não gozará da liberdade conquistada pelos seus companheiros, porque foi levado à loucura, em consequência das torturas a que foi submetido em nome da lei!

França — Os camaradas anarquistas esperantistas residentes em França, solicitam, por nosso intermédio, aos camaradas esperantistas do Brasil, correspondência, em Esperanto, sobre problemas doutrinários e de organização, lutas sociais, condições de vida, etc. A correspondência deve ser enviada para o seguinte endereço: Nia Korespondanta Servo — 9 rue des Murs — Reims — France.

Argentina — Depois de uma luta constante e sem desfalecimento que durou quinze anos, consegue a Federação Obreira Regional Argentina ver

MOVIMENTO LIBERTARIO ESPANHOL :

AO POVO OPRIMIDO -- A todo os antifascistas

Recebemos do interior de Espanha, o manifesto abaixo, expressão do movimento anárquico clandestino, o qual reproduzimos, para o conhecimento de todos os que lutam por um mundo realmente livre.

AO POVO OPRIMIDO A TODOS OS ANTIFASCISTAS

O povo oprimido. A imensa força humana e social que representam as massas laboriosas, os trabalhadores do músculo e do intelecto, base da vida e do progresso das coletividades, está esmagada na Espanha, pelo despótico regime franquista, o mais cínico entre muitos, tirânico e corruptor, dos sistemas contemporâneos de governo.

A apologia do Franco-Falangismo foi suficientemente feita. Não agravaremos, com tintas novas, sombrias, seu sangrento haver. Ele se fez, com aspectos de um hara-kiri gigantesco, no corpo de todos e de cada um dos espanhóis que fomos rotulados com o epíteto de vencidos. Fuz-se, mais, na orgia de sangue e perseguições populares, estimuladas pelos chaceais da Falange e pela casta maldita dos militares sem freio, refestelados e absolvidos de seus crimes pela repugnante cúria vaticanista.

Sim! nesse andar, Franco e seus mástins vão explicando e justificando a gênese da violência. Todo dia, a cada hora, procedem à caça dos filhos do povo, infatigável e implacavelmente; tal, há onze anos, quando os camponeses extremenhos, andaluzes, castelhanos e galegos eram estrangulados pelas costas, pelo delito de serem trabalhadores e terem um conceito superior da justiça social; qual, dias atrás, quando uma centena de cineastas, em Madrid, foram engrossar a fabulosa população penal espanhola; qual, em Catalunha, onde numerosos membros das Juventudes Libertárias foram capturados recentemente e metralhados nas ruas de Barcelona pelos pistoleiros oficiais do regime.

E assim, seguidamente. O último total do balanço apocalíptico do fascismo pode resumir-se nos trágicos sucessos de Cádiz. Ai, milhares de espanhóis pagaram, com a vida e a destruição dos seus lares, as irrefreáveis e ocultas inclinações bélicas do ditador.

Experiências atômicas! Eis a explicação! Devastações de Bikini que enlutam hoje a capital andaluza e vêm demonstrar palpavelmente os desígnios agressivos que encobrem cuidadosamente os pacifistas de ocasião, encarapitados na direção do país, no trampolim conveniente dos quartéis e dos confissionários.

Esses e infinitos outros feitos, cuja enumeração ocuparia volumes, são do domínio público e dão corpo à repulsa do povo a Franco e seus cúmplices. Os façanhosos crimes, as imoralidades inúmeras, a miséria da plebe, cada dia mais torva, as piruetas histeriônicas, tudo na conta do fascismo, produziram nas consciências honradas dos espanhóis e de vastos círculos da opinião mundial, um sentimento fulminante de repulsa e humano desprezo. E isso Franco precisa contrariar, valendo-se de todos os seus recursos de opereta e perigosos engenhos psicológicos.

Precisa, em suma, desviar, do fôlego, a atenção para o pão apetecido: a do oprimido, para a liberdade

que anela; a do indiferente para que não repare na fome e na injustiça. Franco almeja, entre tantos horrores, a degradação total do povo, o reino absoluto do obscurantismo, das tabernas, dos touros, da igreja, fatores êsses que fazem olvidar a realidade trágica dos cárceres e a conculcação das liberdades populares.

A morte de um personagemzinho cuja existência menos importava à sociedade que a de um pedreiro, sobreveio, providencialmente, para calar, com suas ressonâncias históricas, a magnitude da catástrofe de Cádiz, cujos ecos convinha apagar. Legiões de repugnantes plumitivos tangeram enfadonhamente, nesses dias, a corda ingénua e fácil da sensibilidade popular preparando-a convenientemente e predispondo-a a chorar um, esquecendo lamentavelmente os milhares desaparecidos no sul, vítimas das infernais maquinações do franquismo. Este obedece a um plano cientificamente arquitetado de embrutecimento progressivo do povo espanhol. Atenção para essa manobra!

Por paradoxal que pareça, Franco está satisfeito no centro de seu mar de sangue, não porque exculpam sua consciência negra os matreiros jesuítas dispostos a isso, nem porque todos os curas do país, em côro, rezem por sua salvação, mas porque algo mais tangível, mais real, mais poderoso que os embelecões religiosos e a proteção das divindades tranquiliza sua alma vacilante e dá certo aprumo a suas nefastas disposições.

Esse algo são... as cumplicidades exteriores.

A POLITICA INTERNACIONAL

Para demonstrá-lo examinemos o panorama internacional. A libra e o Império, o dólar e bomba atômica, o rublo e as divisões de ocupação dominam o mundo repartindo-o em zonas de influência que lutam entre si, defendendo irritadamente seus interesses exclusivos, sem poderem-se considerar e avaliar os interesses dos pequenos países incluídos nos diferentes blocos, não tendo êles outra missão que a de servir humildemente o plano geral ideado pelos poderosos ams da Terra. Supor que, em política ou em diplomacia possa haver sentimentalismos, sentido de ética, de direito, de justiça é tanto, como crer que haja inteligência na mente de um imbecil ou humanitarismo no coração de Franco. Já não há senão uma lei inflexível: as conveniências supremas dos grandes.

O laborismo inglês é um exemplo típico do socialismo nacionalista, arrostando imensos problemas coloniais e de concorrência. Fará socialismo em seu país e manterá os demais povos na eseravidão se tal convier ao sagrado nível de vida inglês. No Egito, na Palestina e na Índia desfaz-se o socialismo e o vírus imperialista faz das suas. Complica a estabilidade e segurança da velha Albion a presença do bloco russófilo, que quer herdar, teimosamente, nos leilões internacionais, convertendo-se, pois, embora o não proclame, em anticomunista. A posição da Inglaterra é conservadora, amante do statu quo, isto é, a imobilidade das situações, de que decorrem seus mais caros privilégios no mundo.

No caso espanhol, a Inglaterra é cauta. Teme conflitos no ângulo oc-

idental europeu, chave de toda a sua estratégia, quando os sustenta no resto do mundo e tão abundantes.

Embora o laborismo haja feito sua campanha eleitoral com o lema "votar em Churchill é votar em Franco", hoje, êsses mesmos laboristas apoiam o ditador em que pese as promessas feitas, agora mais que nunca, dada a crise econômica inglesa que necessita dos recursos dos estados satélites para salvar-se. Os revolucionários que governam a Inglaterra desejam para nosso povo uma solução cuidada, a longo prazo, com evoluções tranqüilas e rigoroso respeito às molas da ordem: exército e clero — o fascismo, em suma — e quando, como diz o refrão castiço, estiveram todos mortos!

E a América, campeã da paz, paladina da O.N.U.? Os americanos introduziram nos estatutos da O.N.U. o não intervencionismo e o respeito às soberanias nacionais, o que tornou praticamente impossível a ingerência das democracias na escandalosa sobrevivência do fascismo espanhol e condenou a malôgro o Conselho de Segurança.

Não obstante, o princípio genuinamente americano de não intervenção, ajustado para que se continue de um lado a matança de espanhóis, serve, por outro, para que se realize a descarada intervenção americana na Grécia, produzindo crises políticas por meio dos seus embaixadores e, mais, indo até o envio de forças de choque, incumbidas de defender, ante o expansionismo dos totalitários russos, o poder e a estabilidade, os privilégios do dólar e dos magnates americanos.

Grave paradoxo! Enquanto isso, a diplomacia americana atua e Miron Taylor confabula com o Papa para estender a rede do domínio universal e deter os impulsos revolucionários dos povos. Por fim, o cordialíssimo Truman se desmascarou. E' o defensor do capitalismo e da sociedade de classes e, para isso, necessita prescindir das promessas equivocadas de Roosevelt ao povo espanhol encarcerado e tratar, com o supremo representante do obscurantismo, a permanência, na Espanha, de Franco e suas coortes de jesuítas.

Franco aproveitou-se da política dos blocos em que não podem ser considerados os sentimentos de milhões de espanhóis submetidos pela força. Concretamente, Franco e as democracias estão de acôrdo. O povo espanhol, em suas conquistas revolucionárias, com seu formidável impulso, deve converter-se num indiferente rebanho de cordeiros.

OS POLITICOS ESPANHÓIS

E os inefáveis políticos espanhóis de todos os matizes, sem salvar um só? Que fazem os políticos republicanos, socialistas e comunistas? O moçoico por êles formado é digno de estudo. Conhecemos, como anarquistas, a íntima essência de que se fazem os partidos políticos, sua estrutura biológica. Baseiam-se no desejo do Poder e no embuste sistemático às massas. A espera do apoio das democracias, Giral consumiu seu republicanismo e bom número de milhões que teriam vindo a calhar aos grupos de ação, aos guerrilheiros do interior. Esse Foreign Office! Essa O.N.U.! Os comunistas foram afastados euidosamente dos órgãos de Governo porque é mister afinar bem com as cir-

cunstâncias exteriores e êles se regozizam pensando nos bons argumentos que lhes estão dando para pôr os demais, amanhã, na picota, sem se lembrar de que lhes cabe a paternidade da U.N.E. caótico catarro igualzinho a essoutro da Coalizão de extremo a extremo.

E os socialistas? Dói-nos a crítica acerba; mas, amigos, as andanças de Prieto e da maior parte dos socialistas no exílio merecem capítulo aparte; saiba-se, porém, que nos inspiram o máximo respeito os honrados militantes da base que nenhuma culpa têm das ações de seus chefes.

Quando dizemos que os políticos se estribam na cubiça ao Poder, assentamos fundamental verdade e êsse é o caso de Prieto. A pólvora dos partidos e a vida dos chefes gastam-se rapidamente e cumpre aproveitá-las. Impõe-se, pois, governar, onde seja e com quem seja e em que circunstâncias forem.

As conclusões de Prieto, que são as da Conferência Socialista, são desastrosas e representam uma traição inqualificável ao povo espanhol. E', nem mais nem menos, que um abraço de Vergara devidamente difargado e um sistema de decomposição moral, de que se podem esperar os mais atrozes abortos. Os conceitos de ampla coalizão e de plebiscito, esgrimidos ante os interiores puxões da consciência levam, em si e por si, a marca de um cancelamento, em toda linha, das mesmas responsabilidades de Franco e seus servidores, garantidas pela persuasiva presença do exército. Dizemos isso porque, em nossa busca da verdade, chegamos ainda mais longe. Se considerarmos que d. João e os monarquistas são peça imprescindível no quebra-quebra socialista, importa que indagemos da posição daqueles, posição, aliás, clara. O Pretendente reivindica para si, publicamente — e atemo-nos a suas declarações — o direito inapelável de governar na Espanha sem atar-se a pactos de nenhuma espécie, salvante o exército, o capitalismo e o clero, quer dizer, substancialmente, o franquismo. Ora, não nos resta a menor dúvida de que êsse socialismo depravado varia, com prazer, a possibilidade de governar... ativamente, a serviço da monarquia reacionária. Porém... até isso é pura hipotética. Alvarez de Vayo disse-o: "Destruísteis as instituições republicanicas sem possuir garantias de apoio internacional".

Alí estão, pois, os políticos espanhóis fazendo inúteis concessões aos herméticos poderes da diplomacia mundial.

ALIANÇA NACIONAL DE FORÇAS DEMOCRATICAS

A A.N.F.D. está em estado pre-agônico, desgarrada por dissensões idênticas às das frações exteriores, desarvorada pelas conseqüências de idênticos desastres e erros iguais na interpretação dos acontecimentos. Sua situação é de estorvado estancamento e sua eficiência a de zero.

Se a Aliança Nacional houvesse contado positivamente com as forças vivas do interior em vez de especular com fatores externos; se houvesse sido o organismo ardoroso da Resistência ativa, mobilizando revolucionariamente as massas; se tivesse exigido a entrega do Tesouro Nacional para comprar armas e fomentar a insurreição contando com os direitos adquiridos pela classe trabalhadora, sua existência se teria justificado e, mais ainda, nós, os anarquistas com ela estaríamos na primeira linha.

Ora, ela foi uma entidade anódina, meramente política, de antifascismo oficial, não popular. Seguiu, servilmente, as rotas riscadas pelos oportunistas de fora e, quando, fazendo alarde de decisão, concebeu a aliança com os monarquístos, êstes responderam declarando-os indesejáveis e fazendo afirmações unilaterais.

A A.N.F.D. fálhou. Não podia estar à altura das circunstâncias e, não o estando, atraíçou o antifascismo espanhol. Dedicamos-lhe um solene requiescat in pace e sua única virtude, a da iniciativa passa agora às mãos do povo mesmo que, de certo, saberá utilizá-la eficazmente. Temos, pois, em nossas mãos, a chave do nosso próprio destino. Saibamos conquistá-lo.

NOSSA POSIÇÃO

Clara como a luz do dia. Aos homens da F.A.I., aos das Juventudes e Movimento Libertário, não podem deslumbrar os acontecimentos exteriores porque não entram fundamentalmente em nossos cálculos. Independentemente do Moloch soviético e das democracias capitalistas, dos elementos políticos daqui e dali, temos já traçado nosso caminho, fundamentadas nossas convicções. Providências! Nenhuma: a do povo com seu ímpeto e sua existência generosa, a que êle está disposto a tomar caçando, por seus meios, o monstro fascista, pondo fim a uma época de perseguições e martírios sem represália. Confiamos no povo, em nós mesmos, que somos sua carne e em que êle saberá firmar-se revolucionariamente. Linha de conduta? Ai vai: organizar-se para a ação com tudo o que esta supõe; iniciar e fomentar o movimento guerrilheiro; sabotar a produção fascista; proceder à eliminação automática de verdugos e delatores; pôr o coração na garganta dos fanfarrões repressivos e penitenciaristas; promover a resistência passiva de todos os antifascistas espanhóis que não possam descer à ação!

Trabalhador!!! A Catalunha arde e dá o exemplo. Amanhã, todas as regiões espanholas devem vibrar na luta sustida, sem quartel contra um regime de opróbrico que havemos de pulverizar. Ajuda-te a ti mesmo e ajuda não te faltará!

As circunstâncias impõem, como única filosofia possível a da violência e não nos faltam exemplos na ordem mundial. Os lutadores judeus, o povo grego em armas, os egípcios apaixonados, os árabes e hindus secularmente oprimidos impõem suas decisões e criam problemas que não se resolvem. O caso espanhol resolvido, hoje, deve adquirir a grave e premente categoria de problema.

OFERECIMENTO FINAL

Os anarquistas, não te oferecemos mais que a possibilidade de lutar até que Franco seja pendurado, o que é alguma coisa. Nesse terreno, fazemos um apêlo a todos os antifranquistas, a todos os revolucionários autênticos, aos amantes da Liberdade e do Progresso.

Nada de esperas! nem lágrimas, nem misérias. Não mais opressões! Todos à luta com o Movimento Libertário.

Abaixo o Fascismo! Viva a Liberdade!

Comitê Nacional do Movimento Libertário.

Espanha. 14 de setembro de 1947.

Esta é a Espanha de Franco

POR MANOEL PERES

Quando o mundo inteiro comemorava o quarto centenário do imortal Miguel de Cervantes Saavedra, autor de Don Quijote de la Mancha, e o 455.º aniversário da descoberta da América por Cristóvão Colombo, ambos gloriosos para a história da humanidade, Franco manchava as páginas dessa história com o sangue generoso dos que nas terras da Espanha lutam pela causa sublime da liberdade!

Nem a O.N.U. que diz representar o princípio da liberdade universal, nem os chamados povos democráticos, tiveram, ao comemorarem essas datas, um rasgo de energia contra o tirano fatídico, que as desonra, fusilando e torturando os prisioneiros políticos que morrem lentamente nos seus cárceres e campos de concentração.

14 FUSILAMENTOS NO CAMPO DE CARABANCHEL, EM MADRID

Uma comunicação do mês de Setembro diz lacônicamente o seguinte — "Um novo crime acaba de ser cometido nesta cidade pelos sicários de Franco e Falange, com o fusilamento em massa, no campo de Carabanchel, de 14 antifascistas, condenados à morte, de o mês de Maio."

A JUSTIÇA FRANQUISTA COMENTA OS SEUS PRÓPRIOS CRIMES

Madrid, Setembro — Um comunicado oficial declara que de Janeiro a Agosto do corrente ano, foram fusilados, mortos pela polícia em operações de limpeza, 214 espanhóis acusados de conspirarem contra o regime franquista...

O TRABALHO NA ESPANHA FRANQUISTA

Embora a jornada oficial de trabalho seja de 8 horas, dado o seu caráter internacional, na Espanha de Franco, ela é, na realidade, de 12 horas, e isto porque os que não quiserem fazer as 4 horas extraordinárias estão condenados a morrerem de fome. Vejamos.

Trabalhando 8 horas o operário ganha no máximo 20 pesetas diárias, salário insuficiente para fazer frente às suas necessidades mais urgentes, dado o elevado custo da vida. O remédio, aconselhado pelo ministro do trabalho, de Franco, consiste em trabalhar mais, e, neste caso, a jornada de 12 horas permite ao operário um salário de 30 ou 35 pesetas... Isto, se quer que o pão de seus filhos não falte na mesa!...

O racionamento estabelece 100 gramas de pão para os ricos, 150 para as classes médias, e 200 para os pobres. Existem porém três qualidades de pão: — branco para os ricos, misturado para a classe média, e preto para os pobres que, mesmo assim, dificilmente podem adquirir a parte que lhes corresponde. Os ricos e os da classe média, tendo direito a uma ração menor, podem adquirir maior quantidade no mercado negro que funciona livremente; os pobres, mesmo sendo do preto, não podem comer o pão de que necessitam.

Se o grande Cervantes surgisse do seu túmulo de Alcalá de Henares, certo, morreria de vergonha e de indignação.

Os chamados democratas do mundo não querem imitar a Don Quijote, preferem viver com Sanchos Pansas, que os autênticos Quijotes estão, na Espanha, lutando contra Franco, e derramando o seu sangue generoso pela liberdade de todos os povos do mundo, entre os quais estão os Sanchos Pansas das Democracias...

QUANTA VERGONHA!...

LIVROS NOSSOS



- "Em volta de uma vida" — Kropótkine Cr\$ 40,00
"Idéias absolutistas no socialismo" — Rodolfo Rocker — Cr\$ 18,00
"Curso Completo (Elementar, Médio e Superior) de Esperanto" — Roberto das Neves — permitindo o aprendizado sem mestre, em três meses, do idioma universal — Cr\$ 50,00.
A venda nesta Redação. Juntar mais 10% para despesas de correio.
"O Anarquismo ao alcance de todos", de José Oiticica, Cr\$ 12,00.
EM BREVE APARECERÁ:
"Sermões da Montanha", de Tomás da Fonseca

AÇÃO DIRETA

BALANCETE DE SETEMBRO E OUTUBRO
RECEITA — Rio de Janeiro — Oiticica, 1.000; Samuel, 200; Costa, 200; Sá, 120; Germinal, 200; Ney, 200; Sonia, 100; Consuelo, 100; Walter Faria, 100; Grupo Ação Libertária, 110; Souza, 153; Huche, 100; Trigo, 100; A. Correia, 100; Taboada, 200; J. P. Gonçalves, 100; Hamilcar, 50; Ideal, 50; Yannicelli, 50; Cascardo, 100; Diamantino, 50; F. Silva, 100; A. Gomes, 50; Remigio, 60; Esteves, 40; Correia, 20; Vicente, 20; A. Silva, 30; Muratori, 10; Broodman, 40; U. Marrota, 30; J. R. Souza, 100; Produto de vendas avulsas e nas bancas, 487; — Rio Grande do Sul — J. Martins, 100; A. Fernandes, 100; Rafael Fernandes, 100; C. Valsella, 30; — De Campinas — Pessagno e Matias Lima, 400; O. Tullin, 25; — De São Paulo — Juventudes Libertárias, 200; — De Município Getúlio Vargas — Itchenko, 20. —
Total da receita, 5.365,00; — Saldo de Agosto, 843,30; — Líquido, 6.208,30.

DESPESA — Impressão e papel dos números 41 e 42, 4.600; Clichés, gratificações e despesas de tipografia, 353,00; Expedição para São Paulo, outros estados e exterior, 79,80; Enviações aéreas e correspondência para o exterior, 51,40; — Total, 5.084,20. —
Saldo para Novembro, 1.124,10.

NOTAS ADMINISTRATIVAS
Pessagno — Campinas
Recebemos a tua carta com a indicação referente ao vale devolvido e já respondemos à mesma.
R. Fernandes — Porto Alegre — Rio Grande do Sul
Recebemos tua carta com a dolorosa notícia da morte do querido companheiro Fred Kinnistad que sinceramente lamentamos pois representa uma grande perda para o nosso movimento.
Seguindo as tuas indicações enviaremos desde agora o pacote de jornais a tua direção.